

O dilema da classe especial em uma escola regular

Andressa Biscouto Wall

Percorrendo a História é possível concluir que desde o século XIV até o século XVII a eliminação de pessoas indesejadas por meio da exclusão era prática constante devido ao enraizamento de valores éticos, morais e o modelo médico vigente. Em contrapartida a esta situação a escola da atualidade deve estar à disposição dos indivíduos a fim de proporcionar a equalização social, onde o grande enfoque educacional está voltado para a inclusão do portador de necessidades educacionais especiais em escolas regulares.

Dentro deste grupo estão os alunos da classe especial que por algum motivo não se encaixaram no processo empregado para a maioria dos educandos. Embora permaneçam no mesmo ambiente físico destes, passam a freqüentar um novo espaço que atenda suas necessidades. Contudo, o que se pode observar em muitos casos é que, apesar de estudarem em uma escola regular, acabam sofrendo igualmente a exclusão social por parte dos demais alunos, seus antigos colegas. Conseqüentemente o que se tem é o acesso destes educandos uma escola que não inclui, apenas diferencia e torna estas diferenças mais visíveis por meio de um reduto segregado.

Historicamente as classes especiais públicas tiveram sua origem justificada cientificamente pela pretensão de que turmas homogêneas fossem organizadas por meio da separação dos alunos anormais daqueles tidos normais. Com bases estritamente organicistas das deficiências, a separação das crianças foi proposta por uma pedagogia científica que mostrou sua veracidade pautada na natureza e desenvolvimento humano.

Hoje o que as classes especiais buscam é integrar as pessoas com necessidades diferenciadas em escolas comuns por meio de uma pedagogia centralizada na criança e capaz de atender a diversidade existente entre os alunos, a fim de desenvolvê-los de maneira global. Assim, as classes especiais têm como finalidade maior assegurar a igualdade de oportunidades de forma a promover a inserção gradativa destes educandos em turmas regulares, já que as primeiras representam um momento transitório na vida do aluno: assim que tenha diminuído sua defasagem pedagógica em relação aos demais deverá retornar ao ensino regular.

Portanto, as classes especiais atendem os alunos que no processo ensino-aprendizagem demonstram necessidades educacionais diferentes das apresentadas pela grande maioria dos educandos. Neste contexto, a classe especial responde de maneira eficaz, por meio de situações de ensino-aprendizagem também diferenciadas, os anseios destes alunos e de suas famílias: cada educando tem seu plano de ensino conforme suas potencialidades, porém o trabalho é coletivo a fim de favorecer a autonomia e independência, bem como sua auto-imagem positiva e sua relação com a aprendizagem.

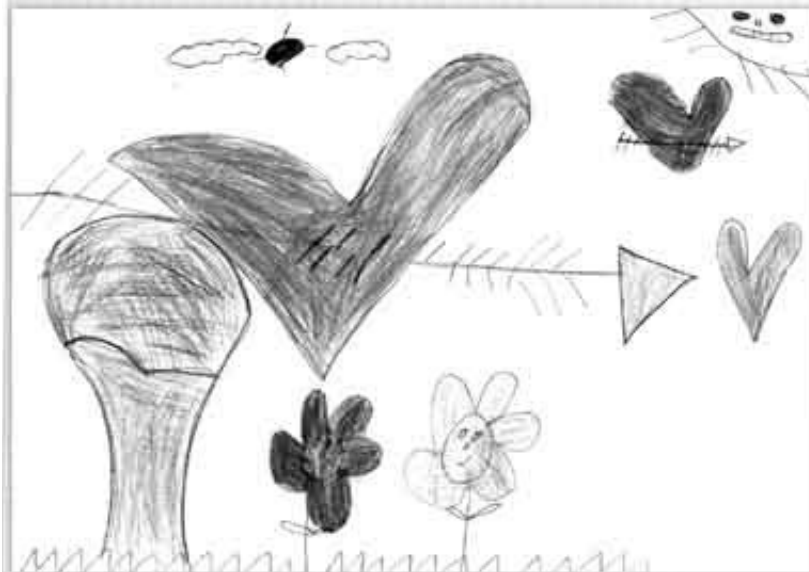
Contudo, para muitos que fazem parte do ambiente escolar, ainda é difícil perceber estes alunos como indivíduos com potencialidades porque a escola, desde a sua criação, trouxe consigo um ideal de para quem ela era necessária. Sendo assim, ela passa a ter o poder de dizer quem são seus alunos e quem não são, para o que ela serve e para o que não tem a finalidade. E, logicamente, desde muito cedo, crianças excepcionais não faziam parte da sua lista de usuários, pois

a intenção da escola não era ensinar para quem não aprendia como a maioria. Apesar das mudanças que ocorreram no interior das escolas, muitos daqueles que a fazem existir continuam a dizer que tais alunos não fazem parte da escola regular. A respeito disto é sabido que:

Os estereótipos são aplicados aos portadores de necessidades especiais, particularmente quando deficientes. Socialmente percebidos como incapazes e improdutivos e biologicamente considerados 'anormais', ficam erroneamente na condição de clientes, como se fossem dependentes de proteção institucionalizada, porque são doentes." (CARVALHO, 1994, p. 6)

Sendo assim, para muitos educadores e educandos, a classe especial traz consigo a percepção de que aquele é o lugar da diferença. Espaço onde o grupo está fadado a conviver com limitações humanas mais evidentes ou menos claras, mas tipicamente com diferenças individuais percebidas na classe comum de ensino. Esta situação salienta rótulos e categorias estigmatizadoras e, muitas vezes, coloca este ambiente educacional como intervenção terapêutica ou educação compensatória.

O aluno da classe especial no contexto maior da escola passa a não pertencer ao grupo dos alunos ditos normais, ele é especial e, portanto, não se encaixa nos padrões da normalidade e não aprende como os demais. Está imposta, assim, uma exclusão social destes indivíduos já que para muitos dos "normais", parece intolerável conviver com as diferenças. A classe especial passa a ser o local onde a criança é descaracterizada como aluno, como indivíduo com potencia-



Gabriel - 12 anos - classe especial
EM América da Costa Sabóia
Profª Rita de Cássia

lidades, e passa a ser percebida através de uma imagem cristalizada, como um especial com limitações.

Outra percepção errônea que obscurece o trabalho da classe especial é que ela se torna reduto de alunos com fracasso escolar, sob o argumento que estes têm lentidão para aprender, o que alivia a responsabilidade escolar sobre este fracasso. A culpa é somente do “aluno lento”. O mesmo deixa de ser sujeito e passa a ser uma dificuldade. É por meio da produção de frágeis sistemas de diferenças como esse, que os grupos de classes especiais se tornam “diferentes”, e com este mesmo sistema de representação a escola institui quem somos “nós” – os normais - e quem são “eles” – os diferentes. O primordial é compreender que a criança está ali por estar com determinada dificuldade e não por ser em definitivo um problema.

Com o trabalho da classe especial objetiva-se que haja uma situação compreensiva na escola, onde cada aluno em sua relação concreta com a educação demande uma situação específica de ensino-aprendizagem. Esta, por sua vez, estará, assim, condizente com as necessidades e potencialidades de cada indivíduo, o qual poderá, futuramente, envolver-se em transições sociais autônomas e diversificadas, inclusive em seu retorno ao ensino regular.

Desta forma, a inclusão presume que os indivíduos são únicos e especiais, pois são diferentes e possuem capacidades e habilidades para determinadas atividades. As crianças se desenvolvem, tornam-se mais íntegras e montam um cenário escolar completo, convivendo em um ambiente rico e variado.

É importante lembrar que a educação dos alunos das classes especiais comporta em sua totalidade os mesmos objetivos da educação de qualquer educando do ensino regular, mesmo que, a priori, algumas modificações sejam necessárias para que os objetivos sejam alcançados. O “produto final” deverá ser o mesmo, ou seja, ambos os alunos deverão usufruir igualmente dos benefícios educacionais. O que pode e deve variar neste processo é o apoio que cada aluno irá receber em função de suas peculiaridades.

O objetivo maior da escola seria, portanto, promover uma educação de alta qualidade a todos os alunos, independente de sua condição física, social ou intelectual. Conseqüentemente, junto a este preceito, está atrelado o de modificar atitudes discriminatórias e tornar a sociedade inclusiva, e não apenas a educação. Este é um processo gradual e dinâmico que depende primeiramente das habilidades e consciência de todos

os envolvidos no processo, mas que otimiza as crianças com maiores dificuldades que aprendam a conviver com outras pessoas e manifestações diferentes. Aos demais alunos proporciona estabelecer um clima de respeito e colaboração, onde diversos processos de ensino e aprendizagem sejam possíveis, e a diversidade humana contemplada. Uma maior capacidade afetiva e cognitiva também se desenvolverá entre os alunos e neste ambiente surgirão trocas diferenciadas e significativas, o que facilitará a apropriação do saber sistematizado. Afinal, é na diferença que crescemos e nos tornamos melhores.

A inclusão mostra-se vantajosa para todos porque com ela torna-se possível a renovação do sistema educacional pela absorção da diversidade das formas e experiências humanas. O desafio que mobiliza a escola que conta com uma classe especial é o desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança e capaz de bem sucedidamente educar a todas elas, incluindo aquelas que necessitem de adaptação curricular e metodologias inovadoras para atingirem tal finalidade.

Isto porque, por mais que os profissionais escolares desejem, o tipo “tamanho único” não funciona na escola. Assim, o melhor método para ensinar é aquele que a criança realmente aprende, não o mesmo para uma turma inteira. Os princípios norteadores da prática educativa atual prevêm que os sistemas educacionais se especializem em todos os alunos e se tornem aptos a responder às necessidades de cada um deles, de acordo com suas especificidades, já que “passou o tempo de pedir ‘coisas especiais’ para as crianças ‘especiais’ precisamente porque faz muito tempo que não há uma linha divisória clara entre crianças com e sem necessidades especiais”. (MITTLER, 2003, p. 59)

Os novos paradigmas da educação inclusiva, os quais norteiam a base das classes especiais a fim de que seus alunos retornem ao regular, alicerçam-se em uma pedagogia voltada para a criança, a qual respeite as diferenças dos indivíduos e sua dignidade com vistas a formar o cidadão. Trata-se de não homogeneizar os ambientes escolares em “para estes ou aqueles”, mas que todos sejam reconhecidos em sua individualidade e que as diferenças sejam respeitadas. Refere-se a buscar construir uma escola mundo, onde caibam todos os mundos; um sistema único, que seja capaz de prover educação para todo educando.

O que os profissionais das classes

David Prestes - 12 anos - classe especial
EM Walter Hoerner
Profª Andressa Biscouto Wall



especiais buscam é atender as necessidades básicas de seus alunos através de um trabalho que permita o desenvolvimento afetivo, motor, cognitivo, social e moral. Para o êxito disto é fundamental que professor e família acreditem na potencialidade do discente. Porém, se observarmos melhor, as considerações acima são necessárias para a aprendizagem de todo indivíduo e não somente dos “especiais”.

Finalizo, então, com a proposta de não enquadrarmos o diferente e torná-lo ainda mais diferente, mas sim ajudá-lo a encontrar um lugar social, uma identidade, para que o sujeito possa encontrar seu bem estar dentro das diferenças existentes em todos os seres humanos. Isto implica em aceitar que, potencialmente, todos nós possuímos ou poderemos possuir – temporária ou permanentemente – algum tipo de necessidade especial e que, portanto, todos somos merecedores de uma Educação Especial e de qualidade, que atenda em um só ambiente nossa diversidade, ainda que atualmente isto seja apenas um desejo presente em alguns profissionais da educação. ✿

Andressa Biscouto Wall é regente de classe especial na Escola Municipal Walter Hoerner e pedagoga no CMAE Ana Maria Poppovic, em Curitiba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, R. **O Plano Decenal de Educação para Todos e a Educação Especial**: Questões levantadas pela Secretaria de Educação Especial. Integração: Brasília, SEESP, 1994.
MITTLER, P. **Educação Inclusiva: Contextos Sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.